

JAN VAL ELLAM

O DRAMA ESPIRITUAL  
DE JAVÉ

CONECTAR EDITORA





Jan Val Ellam é o pseudônimo de Rogério de Almeida Freitas.

**Outras obras do autor:**

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I e II
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé

**Rogério de Almeida Freitas:**

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).

**Participe das nossas Redes**



[facebook.com/projetoorbum](https://facebook.com/projetoorbum)



[youtube.com/orbum](https://youtube.com/orbum)



[twitter.com/orbum](https://twitter.com/orbum)



[orbum.org](https://orbum.org)



# **O DRAMA ESPIRITUAL DE JAVÉ**



**Copyright © 2011 by Jan Val Ellam**

Todos os direitos Reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Editora.

Editor: Juliana de Paula Pessoa  
Coord. Editorial: Carlos A. Cruz  
Revisão: Lucia Roberta  
Projeto Gráfico: Krysamon Cavalcante  
Capa: Luciana Lebel  
Impressão: Gráfica RN Econômico

1ª edição – 2011

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açú, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

www.conectareditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Val Ellam, Jan

O Drama Espiritual de Javé / Jan Val Ellam. -

1. ed. -- Natal, RN : Conectar Editora, 2011.

Bibliografia.

1. Cosmologia 2. Criação 3. Espiritualidade
4. Javé (Personagem bíblico) 5. Jesus Cristo
6. Revelação 7. Universo I. Título.

11-6770

CDD-133.9

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Javé e a sua história : Revelações :  
Espiritualismo 133.9

ISBN 978-85-62411-05-2

2



JAN VAL ELLAM

# O DRAMA ESPIRITUAL DE JAVÉ

CONECTAR EDITORA





# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO 7

1. A QUEDA DE UM ARQUITETO UNIVERSAL 9
2. O DESESPERO DE UM SER 19
3. PREVALECE O PODER MENTAL 35
4. A DEPLORÁVEL CONVIVÊNCIA 45
5. A CONSPIRAÇÃO DO DESESPERO 61
6. LIVRE-ARBÍTRIO E PSIQUISMO 71
7. ESQUISITICES DE UM PSIQUISMO AFETADO 83
8. DIAS COMPLICADOS NO PARAÍSO 101
9. A SUSTENTAÇÃO ESPIRITUAL DO UNIVERSO 115
10. A TRAGÉDIA DESPERCEBIDA 127
11. OS FILHOS DAS ESTRELAS 141
12. ECOS DE UM DEUS CRIADOR COMPLICADO 155
13. O HOLOGRAMA UNIVERSAL E O AGENTE SECRETO DO BEM 163
14. O CHOQUE DAS NATUREZAS 185
15. O ASPECTO ESPIRITUAL DAS RELIGIÕES 195
16. ACÚMULO PROBLEMÁTICO 207
17. O MAL: SUBPRODUTO DA IGNORÂNCIA ESPIRITUAL 225
18. TRISTE PAINEL DO DRAMA ESPIRITUAL DO CRIADOR 243
19. PREVALECE O AMOR 253

## POSFÁCIO 265

## FONTES, NOTAS EXPLICATIVAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 267

## PROJETO ORBUM 281



# INTRODUÇÃO

Quando alguém é solicitado a explanar sobre o drama espiritual de outrem, a primeira reflexão que se deve ter é a de que se não damos conta nem mesmo do nosso próprio drama, não deveríamos intentar compreender o dos outros. Principalmente quando esse “alguém” é um ser terráqueo cheio de fragilidades e fraquezas, como o é a média desta nossa humanidade, e o “outrem” da história é nada mais nada menos que o ser cuja personalidade exuberante situa-se fora de qualquer padrão ao qual estamos acostumados a lidar, ou seja, aquele que, na qualidade de divindade ‘cociadora, criou este universo e nele se obrigou a viver por uma “questão de consciência”, sendo esta, a propósito, uma das componentes mentais que lhe propiciaram o decaimento.

Obviamente, empreitadas desse porte simplesmente não podem vir a dar certo e de antemão me desculpo pelas imprecisões aqui apresentadas. Contudo, ainda assim, por mais que seja desagradável ao “verme” terráqueo que tem de escrever sobre um “deus”, a presente obra, presumidamente esclarecedora, teve de ser feita, ainda que com todas as inevitáveis fragilidades e ordens de imprecisões, além dos possíveis equívocos de interpretação aqui cometidos.

Este livro pode ser lido independente de informações já fornecidas em outros trabalhos literários. Apesar disso, recomendo a leitura prévia de “O Drama Cósmico de Javé”, livro desta mesma série que antecede a este, o que muito facilitará o entendimento em torno de alguns aspectos aqui expostos.

Que o Senhor Javé perdoe os inevitáveis erros, lembrando-se de que o que aqui foi e está sendo feito á a pedido do próprio.

Parece que, na ausência de alguém qualificado para tanto, restou, à hoste que o assessora, solicitar o concurso deste aflito escrevente, que sempre se recusou a observar os painéis da vida como espécies de dramas, mas agora se submete à dramática “obrigação moral” de produzir esses escritos, mesmo sabendo que o produto final não se aproxima do desejado pela hierarquia que o promove.

Que seja, pois!

Atlan, 04 de janeiro de 2009.

Jan Val Ellam.



# A QUEDA DE UM ARQUITETO UNIVERSAL

Fazer da queda um passo de dança! Eis o que significa a própria “dança existencial” de um ser que reconstituiu a si mesmo em condições impróprias.

Desde que este universo foi gerado, o que corresponde ao tempo em que a divindade que o criou passou por um processo indescritível de “decaimento existencial”, a sua forma reconstituída, atualmente conhecida como “o Senhor Javé”, tenta de todas as maneiras sobreviver. Nada há de *glamour* no seu atual modo de existir, apesar de que, aos olhos terrenos, ele sempre nos parecerá um ser poderoso com traços da divindade perdida.

Há cerca de 13,7 bilhões de anos, conforme apontam os postulados da ciência cosmológica, com o surgimento do nosso universo, surgia também para a vida esta personagem enigmática que passou literalmente a **lutar contra todas as adversidades, criadas por ela mesma.**

A sua luta pessoal em torno da própria sobrevivência o levou a estabelecer padrões de comportamento que ficaram indelevelmente marcados na formação das componentes básicas do seu novo corpo. O seu indescritível poder mental, ainda que em desequilíbrio, marcou as tais componentes básicas – o que na Terra chamamos de “células” – da sua nova forma existencial com absolutamente tudo o que era emanado pela sua mente naqueles infundáveis momentos de pânico e desespero diante da queda inevitável.



A expressão do que estava sendo formulado pelo seu poder mental se plasmava em cada “célula” da sua recém-construída “forma existencial”, expressões estas atualmente intituladas pela ciência terrestre como “moléculas de DNA”.

Foi assim que “cada sensação”, “cada sentimento”, “cada pensamento”, entre outras expressões do psiquismo daquele ser, foram sendo geradas por sua própria mente; e tudo o que dele era emanado ficava indelevelmente marcado como o **modo por ele encontrado para dar “sustentação corporal” para a sua nova existência.**

#### CONSTATAÇÃO:

O que entendemos na Terra como molécula de DNA, na verdade é uma espécie de projeção holográfica do padrão mental e emocional do Senhor Javé. Em outras palavras, é uma representação química do seu psiquismo.

Essa molécula passou então a ser utilizada por ele próprio como fator de replicação existencial para os demais seres que surgiram no âmbito da sua criação.

Devemos, portanto, compreender que as moléculas de DNA que hoje conhecemos são decorrentes do **processo replicador existencial** desenvolvido pelo Senhor Javé ao tentar **arquitetar um caminho viável para a sua sobrevivência.**

O “código da vida” replicado através da fixação das “bases nitrogenadas” sob a forma de códon<sup>1</sup>, que representam os conjuntos modeladores especificados pelos “pensamentos e sentimentos”, significa, nesta metáfora, o produto da soberba engenharia “fisiobioquímica” advinda da sua força mental.

Forçado pelas circunstâncias e em pleno desespero existencial, estando ele agora na situação de refém da própria criação e nela inserida, ao longo de “intermináveis” microssegundos o Senhor Javé foi plasmando, a partir de sua mente, as “moléculas regeneradoras” de si mesmo, ou melhor, da sua ex-condição de divindade.

Isto ele fez da melhor forma que lhe foi possível realizar a inusitada operação de reconstruir a si mesmo, só que numa nova condição de vida, inferior à que possuía antes da queda.



Para que essa “nova condição inferior” que lhe foi possível reconstruir possa ser razoavelmente compreendida pelo modo de pensar terreno, é preciso entender o tipo de **alma divinizada** que marcava a sua condição de “divindade menor cocriadora”<sup>2</sup>.

O que será dito aqui, a princípio parece ferir algumas crenças enraizadas na cultura do espiritualismo e, mais especificamente, no espiritismo. Contudo, é apenas elucidação complementar pertinente a um novo momento no progresso das ideias terrenas em torno das questões celestiais e espirituais.

#### CONSTATAÇÃO:

A alma de uma divindade não tem os mesmos “programas mentais” (*softwares*) que os “conhecidos” e “disponíveis” na alma humana. Quem as formatou as fez de modo diferente, provavelmente para o exercício de funções específicas e o gozo de vivências evolutivas programadas.

Isto só pode ser vislumbrado a partir do fato de a Deidade ter se “personificado” em divindades maiores e menores, conforme o descrito no livro “O Drama Cósmico de Javé”<sup>3</sup>. Estas receberam as suas almas já “formatadas” de acordo com o desempenho das suas funções. E as divindades menores possuem, notadamente, um programa evolutivo com suas próprias regras, sendo estas incompreensíveis para os atuais padrões do entendimento terreno. Já as almas geradas para fazer face à estruturação espiritual dos universos gerados pelas divindades menores cocriadoras, estas últimas foram geradas à moda do que foi elucidado pela revelação espiritual<sup>4</sup>, ou seja, formatadas “simples e ignorantes” para poderem evoluir conforme os critérios meritórios das leis morais já conhecidas pelos terráqueos.

Em assim sendo, uma **alma divinizada** é diferente de uma **alma humanizada** em muitos aspectos. Apenas a título de esclarecimento, a alma humanizada também é diferente em diversos aspectos da **alma não edificada** (alma de animais ditos não pensantes da natureza terrestre).



E o que aconteceu com a alma da divindade quando do seu decaimento? O fato de ela ter sido “tragada” pela singularidade que, em se expandindo, deu origem ao nosso universo e dimensões adjacentes, parece ter desfigurado ou “desprogramado” os seus *softwares*, de tal modo que a mesma terminou por implodir a sua “marca funcional” herdada da Deidade.

É óbvio que o primeiro pensamento que surge é o de que isso deve ser algo impossível de acontecer. Contudo, infelizmente, parece que não o é, como afirmam os mentores espirituais que colaboram na arquitetura das informações aqui veiculadas.

Tirando do que conhecemos uma analogia pobre, podemos apontar o autismo ou “síndrome”, que de algum modo pareça danificar a expressão natural comum à condição humana, como sendo uma característica que mantém a existência da individualidade, mas a impede de expressar o seu potencial humano nos moldes considerados normais para os critérios da coexistência humana terráquea.

No caso da divindade em foco, a sua alma, ao ter implodido seus centros potenciais no instante do decaimento, **continuou a existir para o plano espiritual que lhe servia de “residência”, só que de um modo inapropriado** para os fatores comuns que caracterizam aquele nível de existência.

A alma da divindade decaída tornou-se algo semelhante ao que na Terra poderíamos chamar de uma alma “não edificada”, ou seja, **sem função existencial definida em termos de “princípios” e “propósitos”**.

Para melhor compreensão, serão citadas as fases com as principais características que marcaram a queda de divindade, como também as que se referem ao surgimento do novo ser produzido pela sua única componente que “escapou” razoavelmente ilesa daquele problema jamais acontecido: a de ordem mental.



## FASE 1.

Na primeira fase, a divindade menor cocriadora encontrava-se plenamente atuante no âmbito da “família” de divindades menores dedicadas ao mister de criar, entre outros. Aqui a sua alma divinizada já apresentava **problemas de ímpeto criador desordenado**, mas estes só foram devidamente percebidos quando da interação conjunta do grupo de divindades que mais tarde se envolveria na criação do universo em que hoje vivem nossos espíritos.

Apenas a título de detalhe, algo que poderia ser chamado de “irresistibilidade dos impulsos da mente” é matéria de estudo até hoje nos rincões paradisíacos devido ao teor do que aconteceu com a divindade decaída.

## FASE 2.

Já em crise e vivendo momentos de incontroláveis impulsos, entre os quais o seu processo criativo teve lugar, nesta segunda fase, a divindade, ainda assessorada em corrente vibratória pelas suas coirmãs, mas já sem atinar para o que elas faziam ou deixavam de fazer naquela tentativa de ajudar-lhe a restabelecer a pacificação mental, foi obrigada a fixar sua atenção mental na singularidade que acabara de criar.

O que podemos imaginar, pela ótica do conhecimento terreno, é que a **singularidade, ao ser “expelida” da mente da divindade**, começou a atrair, com força correspondente ao que os astrônomos costumam apontar como sendo a dos buracos negros, exatamente o “conjunto celular” da mente espiritual que a criara.

Devido a essa “fixação doentia” entre os sentidos espirituais da sua mente e a singularidade recém-gerada, a divindade perdeu, desde então, qualquer contato com os parâmetros existências do nível espiritual em que se encontrava. É como se, ao ter gerado a singularidade, os sentidos da sua forma divina comessem todos a implodir, impedindo-a de interagir com o ambiente em que se encontrava.



Foi nessas condições de estresse existencial que a divindade menor formatou, com a sua força mental, os primeiros microinstantes do que hoje é chamado pela cultura terrestre de “criação universal”.

### FASE 3.

Aqui a divindade sucumbe implodindo a sua forma existencial e perdendo, com isso, a sua componente mental, que é tragada pela sua recém-criação. Usando da analogia possível aos conceitos terrenos, seria como se o **corpo mental**<sup>5</sup> da divindade tivesse sido projetado à força para o interior da dimensão existencial gerada a partir da expansão da singularidade.

Devido ao modo como o **“corpo mental”** foi **“arrancado”, “extraído”** da sua **condição divina**, o que dela restou para o ambiente no qual existia foi um “aspecto incompleto adoentado e inerte” da sua condição pessoal de divindade menor.

Hoje, cerca de 13,7 bilhões de anos depois do “incidente”, a sua **“vestimenta divina”** permanece **“incompleta, atordoada, adoentada e inerte”** enquanto aguarda o momento de reconstruir a si mesma nos moldes que lhes são normais à condição de divindade operativa. Para tanto, porém, **é necessário que a sua forma mental**, que foi absorvida pela sua criação – e que desde então dela encontra-se refém –, **possa desfazer-se dos laços desesperados que doentamente a prendem aos aspectos estruturantes** do que considera como **“sua criação universal”**.

### FASE 4.

Apartada da convivência fraternal e operativa com as demais divindades, o corpo mental projetado, e agora prisioneiro da própria criação, procurava a todo custo construir o entendimento necessário sobre o que lhe acontecera, ao mesmo tempo em que procurava compreender e controlar a expansão da sua criação, que a



partir de então se propagaria numa multiplicidade de aspectos e níveis existenciais jamais pretendidos.

**Nesta fase ocorreu a reconstituição do ser hoje conhecido como o Senhor Javé. O problema é que a ressurreição da divindade implodida sob a forma doravante assumida pelo ser criador se deu em níveis doentios de desespero, desolação, revolta e insegurança indescritíveis.**

Diante do quadro terrificante que se descortinava à sua percepção, à sua força mental, enquanto sofria o impacto dos sentimentos superlativos descritos acima, obrigava-se, ao mesmo tempo, a continuar operando na qualidade de pretensa controladora dessa mesma realidade descortinada, que se resumia ao que os seus “olhos podiam efetivamente perceber” a partir da sua nova condição.

#### CONSTATAÇÃO:

Por entre as sensações de um sofrimento moral inenarrável e dos sentimentos de frieza que teve de arquitetar para poder dar continuidade ao processo criativo em curso, o seu “corpo mental” foi se adequando à nova realidade, reconstituindo-se em “porções quânticas aglutinadas” sob o comando da sua vontade, formando, desde então, o corpo ou a forma existencial que atualmente o define.

Essas “porções quânticas aglutinadas” representavam, na verdade, o “código de sobrevivência corporal” que lhe foi possível construir por meio da sua vontade, já que todo o seu ser estava concentrado na luta para sobreviver a qualquer custo e de qualquer maneira à situação em que agora se encontrava.

E foi desse modo que a cada desafio a ser superado e a cada sensação de agonia, por força da situação, aquele ser foi “marcando em si mesmo” (no seu novo corpo) absolutamente toda a vivência possível de ser por ele construída naqueles instantes.

Assim, o “código de sobrevivência corporal” presente em cada “porção quântica aglutinada ou colapsada” viria a ser o que hoje – volto a dizer, 13,7 bilhões de anos mais tarde – é denominado pela ciência terrestre como sendo o “**código da vida**” **impresso no DNA de todos os corpos de seres vivos** que compõem a natureza do nosso planeta.

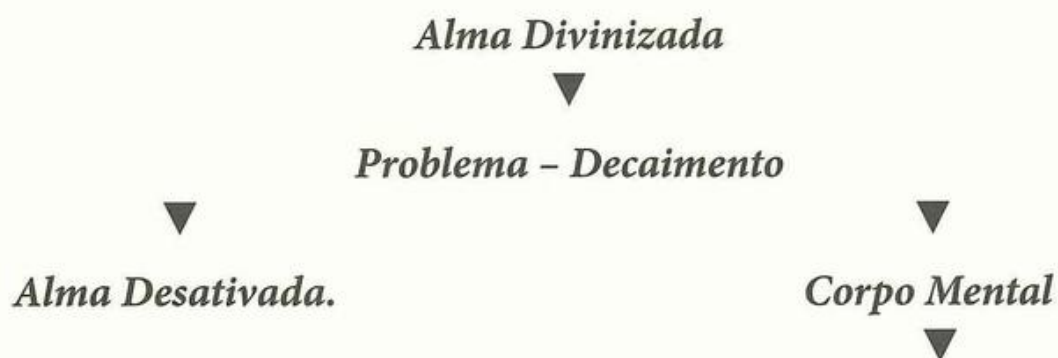


## FASE 5.

Adoentado, solitário e precisando dar rumo à criação que se expandia exponencialmente, o Senhor Javé resolveu criar seres a partir de si mesmo. Para tanto, a sua única opção era **gerar clones** utilizando-se das **duas componentes** que ainda lhe estavam disponíveis: a **herança da sua genética corporal** e o **repasso de parte do seu poder mental** de que podia lançar mão por efeito decorrente da propensão de seu *software* divino – um dos poucos programas inerentes à sua condição anterior de divindade que escaparam ilesos – e por força da sua determinação pessoal.

Surgem diversas gerações de clones diretamente criados pelo Senhor Javé como também outras tantas, agora geradas pelos seus próprios clones.

### QUADRO RESUMIDO DAS FASES DO DECAIMENTO DA DIVINDADE



*Obrigou-se a construir, através de ordens dadas pela porção mental que sobrevivera à queda, uma nova forma de expressão corporal, cujas células constituintes foram marcadas pelos DNAs utilizados.*

*Começou a criar diversas gerações de clones a partir do seu DNA pessoal. Alguns desses clones começaram a criar as realidades planetárias tendo como base o DNA do criador, tendo sido este manipulado e adequado às condições de cada mundo.*

Foi assim que a divindade em foco se viu “obrigada” a, aparentemente, “deixar de existir” para a sua condição divina e, de modo impróprio, renascer automaticamente numa situação muito inferior, além de ter de se reconstruir o mais rapidamente possível para dar conta do que acabara de criar e que estava em curso de expansão.

É sob esta perspectiva que alguns painéis que envolvem o criador deste universo precisam ser compreendidos.

#### CONSTATAÇÃO:

O primeiro aspecto que deve ser compreendido em torno da personalidade do Senhor Javé é que o mesmo é considerado, pelos seres evoluídos que residem além das fronteiras deste universo, uma “aberração” que simplesmente jamais deveria ter existido.

A afirmação é forte, superlativa e chocante, isso eu sei, pelo que me desculpo diante das suscetibilidades que venham a ser feridas pela leitura deste livro. Mas não há outra opção, já que o que estava oculto deve ser agora revelado por decisão do próprio Senhor Javé, como também da determinação de outros seres que se encontram congregados em torno da tarefa de resgatar a divindade decaída – e somente a “verdade” haverá de libertá-la, como também aos demais cidadãos deste universo.





# O DESESPERO DE UM SER

*"..., pois este Universo, na sua totalidade, é permeado pela angústia."  
Shiva Samhita (cap. 1, 29)<sup>1</sup>.*

Imagine-se sozinho (a) dentro de um pesadelo que o (a) obrigue a vivenciar diversas experiências desagradáveis. De repente, no mais íntimo da sua consciência, algo lhe diz que aquilo é um pesadelo, só que nunca chega a hora de acordar.

Com o passar do tempo, ainda que adoentado e já cansado de viver os painéis daquele sonho interminável, você se obriga a aceitar que o que pode ser observado à sua volta é simplesmente uma nova realidade na qual agora se encontra aprisionado, e que não lhe é dada outra opção a não ser a de seguir adiante superando cada obstáculo que aparece à sua frente.

Enquanto você se esforça para sobreviver ao incessante fluxo de dificuldades, começa também a sentir que o seu conhecimento a respeito da sua família, dos amigos, da cidade e do mundo em que você costumava viver, parece se esvaír da sua debilitada consciência parecendo tornar-se meras recordações de um tempo remoto. Além disso, desaparece também a ideia de tempo ("dia, mês, ano") e de realidade que sempre lhe pautou a percepção mental; e o pior, sem mais saber ao certo quem você é exatamente. Este é um dos tristes painéis do pesadelo psicológico do Senhor Javé.

Imagine-se agora como se certo dia você acordasse e se visse com um corpo monstruoso, como uma espécie de ser com várias cabeças, sendo apenas uma delas aquela que costumava conhecer de si mesmo (a). As demais parecem ser “personalidades à parte” que vão brotando da sua condição mental conforme forem exigindo as circunstâncias, representando as principais características psíquicas que acabaram surgindo e terminaram por se transformar em “partes de você”.

Aqui existe um quê de metáfora pobremente elaborada, mas também uma **dose inquietante de uma realidade impossível de ser compreendida** pelo modo de pensar terráqueo.

Tenho a estranha certeza de que se eu fosse escrever mil parágrafos sobre esse aspecto do ser a quem chamamos de Senhor Javé, em nenhum deles conseguiria utilizar as palavras apropriadas para bem descrevê-lo.

Assim, eu o (a) pouparei afirmando simplesmente que nos “primeiros momentos da infância existencial desse ser”, a sua força mental era de tal monta e se expressava de modo tão incompreensível, que “exteriorizava em si mesmo” as expressões mais superlativas desse tipo de poder somente presente nas mentes com “programação divina”.

A cada conjunto e/ou acúmulo de certas modalidades de expressões mentais superlativas é como se surgissem “**minisseres**” à parte que precisavam ser congregados ao ser que os havia gerado. Desse modo, em obediência a um circuito de leis espirituais de afinidade totalmente desconhecidas desta humanidade, esses “minisseres” eram rapidamente apreendidos pelo circuito mental do ser criador, dele passando a “fazer parte” como se, aos olhos terrenos, pudesse ser tido como um “**ser múltiplo**”<sup>2</sup>.

Este é outro triste painel do que aconteceu com o psiquismo do Senhor Javé e nós, os terráqueos modernos, simplesmente não temos elementos disponíveis para compreender uma realidade absolutamente chocante para os nossos padrões de aceitabilidade dos fatos.



## CONSTATAÇÃO:

Antes de propriamente começar a criar as gerações de clones que viriam a fazer parte da sua hierarquia, o Senhor Javé, na verdade, era um ser múltiplo que assim se havia constituído por força da sua doença mental e que teve de se “despedaçar” para poder sobreviver. E ele o fez doando de si mesmo as porções de DNA que passaram a formar a base existencial dos demais seres surgidos em sua criação. Foi um misto de solidão, doença e necessidade que obrigou o Senhor Javé a gerar outros seres, para o que foi obrigado a “despedaçar a si mesmo”.

Peço desculpas pela expressão “despedaçar”, mas não há outra disponível no vocabulário da língua da qual possa utilizar para melhor significar o que o Senhor Javé fez. É uma metáfora pobre, mas é a possível de ser arquitetada por um escrevente do meu naipe.

Nessas condições de existência, a princípio, a ninguém é dado sequer sobreviver. No caso dessa divindade, porém, além de a sua alma permanecer inerte tal qual um – desculpe-me o (a) leitor (a) pela pobreza da analogia – aparelho de televisão que se encontra ligado à rede elétrica sem que a sua tecla de “ligado” esteja acionada, a sua força mental conseguiu “criar vida à parte de si mesmo”, forjando o surgimento de um ser cuja urdidura desobedece toda a lógica de quase tudo o que foi ensinado a esta humanidade. A única exceção é o “aspecto quântico” que cerca o incidente, cujos painéis somente poderão ser convenientemente compreendidos pelas **futuras gerações terráqueas já educadas sob a ótica quântica**.

O ser que conseguiu reconstituir a si mesmo nas “piores condições possíveis” havia, portanto, **rompido a sua relação** com a “eternidade”, com a “Realidade Superior” à qual estava acostumado, com o “Ser Superior” e os seus “Mestre e Mentores Divinos”, enfim, com o poder maior ao qual sempre estivera vinculado e do qual sempre fizera parte ativa. Não foi por menos que, mesmo incompleto, a psicologia resultante do seu método de sobreviver ao caos terminou fazendo-o “herói de si mesmo”, sendo este outro aspecto preocupante da sua doença espiritual.







Meu caro Aristófanes – respondeu-lhe Erixímaco – vê como te comportas. Mal começas a falar, já provocas risadas. Obrigas-me a te controlar? Por que não falas tranquilamente em vez de fazer gracejos?

Aristófanes respondeu com risos:

– Está bem, Erixímaco. Fique o dito pelo não dito. Não precisas ficar de olho em mim. Receio que minhas palavras não provocarão gargalhadas. Vê bem, receio! O riso faria bem a nós todos. É próprio da minha Musa. Prometo que não direi coisas ridículas.

– Estamos acertados, Aristófanes. Mas não penses que com um frechaço te escapas. Fala. Mas muito cuidado! Terás que prestar contas do que disseres. Te largarei só quando julgar que devo.

– De acordo Erixímaco. Mas não me passa pela cabeça falar como tu ou como Pausânias. Parece-me que os homens não perceberam nada do poder de Eros. Se o tivessem percebido, dele seriam os templos mais imponentes, os mais vistosos altares teriam sido erguidos em seu louvor, para ele arderiam os mais fartos sacrifícios. Não seria como agora, quando nada disso se vê, embora necessitemos dele acima de tudo. Eros é, ao que tudo indica, o mais filantrópico dos deuses, o mais benéfico aos homens, médico de males que, ao curar, proporciona o mais completo bem-estar ao gênero humano. Tentarei introduzi-los no poder de Eros para que vocês sejam mestres de outros. Importam que **compreendam primeiro a natureza humana e as características dela**. Nossa natureza primitiva não era a atual, era diferente. Para começar, a **humanidade compreendia três sexos, não apenas dois**, o masculino e o feminino, como agora. O **andrógino era então**, quanto à forma e quanto à designação, **um gênero comum, composto de macho e fêmea**. Dele nada mais resta do que o nome, caído em desprezo.

A forma de cada homem era um **todo esférico**. O dorso e os flancos fechavam-se em círculo. Cada um desses seres era **provido de quatro mãos, movia-se com igual número de pernas**. Um pescoço torneado sustinha **dois rostos, semelhantes em tudo**. Uma era a cabeça em que se opunham **dois rostos**. Os corpos ostentavam **quatro orelhas e um par de genitais**; a exemplo destes, dobrados eram os outro órgãos. Andavam eretos como os homens de agora em qualquer direção que se locomovessem.

Quando empreendiam corrida veloz, cambalhotavam. De pernas erguidas, formavam uma roda. Rolavam céleres com seus **oito membros** estendidos. **Três eram os gêneros**. O gênero masculino primitivo era descendente do sol; o feminino, da terra; o que reunia os dois gêneros em si mesmo descendia da lua, dotada de características desses dois astros. **Lembravam os genitores na circularidade e no deslocamento**.

Terríveis na **força** e no **vigor**, extraordinários na **arrogância**, **desafiaram os deuses**. Escalar o céu, tentativa que Homero atribui a Efialtes e Oto [nota do escrevente – Efialtes e Oto, segundo Homero, foram dois gigantes que tentaram subir ao





*gostam de mulheres, origem de muitos adultérios. As mulheres desejosas de homens procedem dessa variedade, fonte de adúlteras.*

*A mulher fragmento de mulher primitiva não pensa em homem; sente-se, entretanto, atraída por mulher. Essa variedade gera as companheirinhas. O homem que é pedaço do macho primitivo corre atrás de homens. Ainda juvenzinhos, porções de macho primitivo, gostam de homens. Dormir com homens lhes dá prazer, enredam-se com homens. Excepcionais mesmo quando crianças e jovens, eles são, por natureza, másculos como ninguém. Alguns dizem que são despudorados, o que é um equívoco.*

*Não é por sem-vergonhice que eles se comportam assim, mas por coragem, por virilidade. A masculinidade leva-os a se apegarem ao que se assemelha a eles. Querem prova? Maduros, são os únicos a ingressarem na política. São machos e pronto! Adultos, inflamam-se por jovens. Casamento e prole não lhes interessam, embora a lei os obrigue a isso. Se fosse por eles, passariam a vida um com o outro, solteiros.*

*Via de regra, um homem assim constituído apegase a um menino, dedica-se ao erasta, afeiçoando-se sempre ao semelhante. Quando acontece encontrar a metade que lhe falta, o erasta de meninos ou qualquer outro erasta experimenta emoções extraordinárias, causadas pela amizade, pela intimidade, por Eros. Em síntese, a separação não lhes interessa nem por um breve espaço de tempo. Os que passam a vida juntos são esses. Um não saberia dizer o que espera do outro. (...) Vai aqui minha recomendação a todos os homens: honrar sempre os deuses, tanto para evitar o castigo como para obter favores, tendo Eros como chefe e general. Ninguém se oponha ao comando de Eros. Resiste a Eros quem pratica atos odiosos à ordem divina. Se somos amigos de Eros, se vivemos em paz com ele, encontraremos os desejados que nos pertençam e nos relacionaremos com eles. Poucos alcançam hoje esse benefício.*

*Não desejo que Erixímaco lance suspeitas sobre mim. Não vá pensar que este meu discurso é uma comédia. Não me refiro a Pausânias, nem a Agaton. Tudo indica que ambos são másculos, da natureza do macho primitivo. Dirijo-me a todos os seres humanos, homens e mulheres. Penso que todos chegaríamos a completo bem-estar se soubéssemos atingir o alvo da nossa força erótica, alcançando cada um de nós o objeto de seus desejos **para restaurar sua natureza primitiva**. Se for nisso que reside a perfeição, é forçoso que melhor se sentirá aquele que mais se aproximar dela, certo de que o desejado corresponde a seu gosto. (...) Erixímaco, aqui tens o meu discurso sobre Eros, que se distancia do teu. Já te pedi, não o tomes por comédia. Ouçamos os que ainda restam, queremos saber o que eles têm a dizer-nos, ou melhor, um de cada vez, Agaton e Sócrates. (...).*

“O Banquete”, de Platão.





imediatamente que nos espera do que com o que já passou. Mas sigamos adiante com a linha de análise do presente livro.

No capítulo anterior, informei que a nova expressão corporal arquitetada pelo Senhor Javé para fazer face à sua nova situação existencial foi formulada pelo seu poder mental. Este, ao se expressar de acordo com o que enfrentava em seus primeiros momentos após a queda, foi plasmando **cada uma dessas porções vibratórias de pensamento e sentimento em “quantuns de energia”**, agora já colapsados numa espécie de **“matéria mental potencializada”**.

Uma “microporção daquele tipo de “matéria” trazia, na sua estrutura formadora, o **“código traduzido”** de cada expressão individualizada advinda da mente do Senhor Javé. Essas microporções, fortemente marcadas pelos “códigos” de cada expressão mental do criador, foram se aglutinando, formando no seu próprio “corpo mental”, o que na Terra chamamos de célula.

#### CONSTATAÇÃO:

Fazendo analogia com o que se pode observar na natureza terrestre, poderíamos afirmar que a recém-construída “forma existencial” da divindade caída trazia cada uma das suas expressões mentais plasmadas nas componentes estruturantes dos diversos “tipos de células” do seu novo corpo.

Assim, cada porção de **“matéria mental potencializada”** transformava-se numa espécie de **“código químico traduzido”** do que se passava no psiquismo da divindade caída, enquanto essas **“marcações”** iam se **“materializando”** – para a nova realidade astral em que agora vivia – sob a forma de moléculas que se aglutinavam em células que, por sua vez, se congregavam “em torno de” e “sobre” a forma recém-reconstituída.

Comparando com o que percebemos a partir do conhecimento terrestre, é como se cada uma dessas “marcações” correspondesse a uma das bases nitrogenadas





Resposta: Se a primeira molécula de DNA que “apareceu” ou “foi posta” na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos já aqui surgiu pronta, acabada, mas passível de reajustamento, e tendo sido a partir dela que todos os demais corpos de seres vivos da natureza terrestre foram gerados – seja quem for que aqui a tenha posto ou, em outras palavras, seja essa molécula de DNA pertencente a quem for – o ser que lhe deu origem ou que a ofertou para ser a “molécula-mãe” de toda a vida na Terra, obviamente, tinha um **objetivo bem determinado**.

Qual seria esse objetivo?

Resposta: Ser ajudado de um modo que para nós, terráqueos, é considerado normal, mas que, sob a perspectiva espiritual profunda, é totalmente inadequado. Aqui me refiro à pretensão de que podemos ser ajudados de “**fora para dentro**”, enfim, de que outros podem nos ajudar.

Esse aspecto representa um equívoco profundo que somente o desespero pode arquitetar. O problema é que, como “**somos todos filhos do desespero**” – no modo como pensamos na Terra – nós nos acostumamos a pensar que isso é normal e produtivo, e o pior, que passamos mesmo a depender de ajuda externa, já que padecemos do mesmo problema. Na verdade, somente o indivíduo pode ajudar a si mesmo e isso se dá “de dentro para fora”.

#### CONSTATAÇÃO:

Tudo o que alguém pode fazer por outrem é tentar ser útil, sem nenhum tipo de imposição ou de expectativa de ser compreendido e de receber gratidão. Afinal, somente as “construções interiores” proporcionam o progresso espiritual. O resto é puro vício da carência herdada advinda da genética desesperada e do psiquismo afetado do ser a quem chamamos de “Senhor Javé”.

O fato é que, no caso em que este ser se encontra, **não há mesmo outro modo de sermos úteis** ao Senhor Javé, a não ser assinalando em nós mesmos o melhor que pudermos no campo do amor fraternal. Mas **somente Javé pode ajudar a**





Sob tal perspectiva, e agora voltando ao foco de como essa questão hoje se traduz na realidade terrena, devemos compreender que **cada célula** do nosso corpo contém uma impressionante quantidade de “**informação digital psíquica quimicamente codificada**” com um nível de precisão que somente uma engenharia mental extraterrena superior poderia ser capaz de realizar. Essa “informação codificada” representa exatamente a “**mão estendida**” do Senhor Javé em seu **pedido de ajuda** jamais compreendido por esta e algumas outras civilizações planetárias.

A ignorância em relação a esse aspecto do *modus operandi* do Senhor Javé foi e ainda é o foco de muitas **rebeliões** estéreis que somente pioraram o já caótico quadro existencial da sua obra.

Por mais doloroso e aparentemente inapropriado que seja, devemos entender o Senhor Javé como “**alguém torturado**” que, mesmo precisando desesperadamente de ajuda, atrapalha e prejudica aos que dele pretendem se aproximar com esse objetivo, pois ou a pessoa se submete ao seu jugo impositivo ou é “atropelado” por ele.

O aspecto preocupante dessa história é o de que submeter-se ao Senhor Javé não é necessariamente produtivo para ele e nem mesmo representa algum grau de “certeza” quanto à utilidade dessa submissão em proveito do seu progresso. Infelizmente, parece que apenas tal se dá – pelo menos aos olhos do próprio Senhor Javé – em alguns casos de submissão religiosa. É o caso, por exemplo, do que ocorre na Terra entre alguns seguidores do judaísmo e do islamismo, que a ele se submetem amando-o e admirando-o pelos seus poderes que, de fato, ainda são muitos. Não submeter-se, contudo, é o caos para o seu psiquismo adoentado; e ele simplesmente não admite e nem sabe conviver com quem não lhe oferta, em submissão, a sensibilidade pessoal.

Aparentemente, numa análise superficial e apressada, parece não existir um bom caminho. Mas existe! E os ensinamentos e o testemunho do Mestre Jesus – como também os de outros mestres – compõem as “**placas de sinalização**” **postas ao lado das muitas estradas existenciais que há na obra do Senhor Javé**. Caminhar por











Em não lhe estando disponível a alma com toda a dose de conforto e de pacificação que a mesma naturalmente proporciona, restava-lhe tão somente o poder da sua mente como sendo o seu foco de existência. É desse aspecto singular que surgem todos os demais problemas do Senhor Javé.

Para bem percebermos o mais grave de todos eles, devemos pensar que a ausência da alma como fator estruturante do novo corpo do Senhor Javé provocou um disparate jamais observado. Refiro-me ao fato de que, sem uma alma a adornar-lhe a existência, o Senhor Javé não tinha mais uma “ligação direta” com a Deidade. Isto porque o “Eu Profundo” e, mais especificamente, o “Eu Superior”<sup>3</sup>, ou seja, a **parcela do Sagrado (espécie de “DNA” espiritual da Deidade) que é a base da existência real de cada ser**, não residia mais nele (na sua nova forma). No caso, a chama do Sagrado continuava a existir, só que no mais íntimo da sua alma desativada e inerte. Por isso que o Senhor Javé é considerado uma “aberração”, a qual simplesmente “não deveria existir”.

Sei quão desagradável parece a afirmativa acima. Contudo, é necessário que eu assim proceda para deixar absolutamente claro o teor da mensagem livre e destemida aqui registrada. E isso assim é feito a pedido de alguns dos assessores do Senhor Javé e, pelo que penso, corresponde, também, ao que ele próprio deseja. Ainda que as “cores da informação” possam estar equivocadas pelo simples fato de eu ser um “verme terráqueo”, o aspecto central do que aqui está veiculado parece estar próximo ao desejado pelos que **conspiram amorosamente em torno do Senhor Javé** para que o mesmo possa “ser ajudado” de algum modo.

Devemos ainda observar que o Senhor Javé reconstituiu muitos dos seus poderes enfrentando as inenarráveis e terríveis provações, pelas quais se via na condição de divindade decaída. Na verdade, a percepção de que ele era realmente uma divindade decaída jamais foi tida por ele como “uma certeza”. Porém, obrigou-se a iludir a si mesmo com essa possibilidade por perceber que em sua mente havia





– Encontrava-se, então, existindo por meio de uma “forma” que conseguiu reconstruir para si mesmo tendo como base um **corpo** praticamente formado de “**energia porcionada e colapsada**” dentro dos limites vibratórios da dimensão em que se estabelecera logo após o decaimento, pelo fato de o “aspecto espiritual *Atman*” não lhe fornecer a estruturação necessária.

– A personalidade (e o seu correspondente psiquismo) que resultou de todo esse processo foi a do que na Terra poderia ser chamada de um “monstro” deformado, frio, implacável, calculista genial, bipolar, rancoroso, vingativo, astucioso ao extremo e apresentando instinto doentio em grau superlativo de sobrevivência e de preservação de si mesmo perante a nova situação. Além disso, não possuía a menor noção do significado de honra, decência e dignidade pessoal, sofrendo ainda uma série de transtornos de personalidades numa ordem extremamente complexa para a compreensão dos parâmetros terrenos.

– Sob outra perspectiva, e agora de modo mais resumido, diria que no “início” o Senhor Javé apresentava uma força mental operativa fortíssima, um corpo fortíssimo e o psiquismo (em relação à premissa da condição humana, único parâmetro disponível para a analogia) totalmente **desumanizado**. Era uma espécie de besta-fera genial, monstro com altíssima capacidade criativa ou aberração desestruturada com alto potencial de intelectualidade.

E como ele se encontra na atualidade?

Resposta: Nos tempos atuais, o Senhor Javé apresenta a sua **força mental** operativa como estando **decadente**, com o “**corpo**” **doente** rumando para uma espécie de implosão (semelhante ao caso de algumas estrelas supermassivas que, ao implodirem, se transformam em buracos-negros<sup>5</sup>), o que pode ser entendido como uma “morte” extremamente lenta e agoniada. A **boa notícia é que, apesar de desalmado, o seu psiquismo está em “vias de humanização”**, de melhoramento pessoal, sendo este o projeto ao qual vem se dedicando aquele a quem conhecemos por Mestre Jesus desde o início dos tempos deste universo.





Atente bem para o fato de o “arquivo sensitivo” ou **“arquivo corporal” do Senhor Javé ter permanecido imutável**, e então lembre de que a **evolução das espécies da natureza terrestre se dá por meio de mutação**. Não é por mera casualidade que as palavras “imutável”, no que se refere ao estacionamento espiritual do Senhor Javé como subproduto do decaimento, e “mutação”, ou seja, o “salto quântico” que possibilita a evolução das espécies terráqueas, estão sendo utilizadas aqui.

#### CONSTATAÇÃO:

O DNA original do Senhor Javé encontrava-se 100% ativado quando dos seus “primeiros tempos de vida”; e aquele que foi semeado na Terra, aqui chegou com somente cerca de 3% ativados, sendo os demais 97% considerados “DNA lixo”. No que isso implica? Que, no caso do DNA da Terra, é possível a evolução via reformulação dos parâmetros do DNA e, no caso da situação do Senhor Javé, tal não era possível, já que não existia “espaço de manobra evolutiva” num DNA totalmente ativado e estabelecido.

O Senhor Javé teve de ancorar-se em si mesmo porque a ninguém mais ele tinha. Contudo, aqui se pode traçar um estranho paralelo com o que hoje percebemos no caso desta humanidade, obviamente, porque somos herdeiros do potencial total dos seus problemas. Refiro-me ao fato de que, como nós, ele, desde que se reconstituiu minimamente, ter passado a intuir que existia alguém muito superior a ele, um Ser que lhe era em tudo superior, mas em relação ao qual nada mais atinava.

Sim! O Senhor Javé, como qualquer cidadão terráqueo, também **anseia e sonha nos seus devaneios pela união com Deus**, com Aquele a quem ele vem, já há algum tempo, vislumbrando que existe e que se situa muito além da sua capacidade pessoal de percebê-Lo. **Parte do seu drama é não poder senti-Lo** porque a corrente amorosa do Pai Amantíssimo reside na presença da porção do *Atman* presente em cada ser. O Senhor Javé, como já elucidado, infelizmente não a possui. **Tem de deduzi-Lo através da sua condição mental.**





nível de influência da porção ativa do DNA do Senhor Javé para tornar possível que o “novo” tivesse lugar neste universo.

O circuito existencial ao qual pertence o Senhor Javé e os seus filhos clonados das primeiras gerações é, por um lado, rico em avanço científico se comparado ao que conhecemos na Terra, mas pobre, paupérrimo, em termos de novidades: eles são o que são desde que passaram a existir para a criação do Senhor Javé e o que de “novo” surgiu foi tido na conta de rebelião e desobediência passível de punição.

A própria crucificação de Jesus se insere nesse contexto, o que sei ser chocante para o entendimento comum a esta humanidade. Mas este assunto não será aqui abordado por não fazer parte das reflexões que importam aprofundar agora, e está sendo citado apenas para provocar a imaginação e a reflexão da parte do (a) leitor (a).

Concluo o presente capítulo com a pretensa afirmação de que o Senhor Javé, por ser desalmado – condição esta que demanda inúmeros e diferentes problemas para ele –, não dispõe do que chamamos de “capacidade de imaginação” e, portanto, de criatividade e inovação, sendo este um dos fatores limitantes que impedem o seu “progresso pessoal”. Os seus filhos clonados, por possuírem almas, ainda que estas estejam subordinadas aos corpos condicionados gerados pela vontade do criador, na medida em que despertem a sua natureza espiritual, percebem que essas faculdades naturalmente começam a aflorar em seus psiquismos. Isto, de fato, já acontece em muitos deles, só que em graus distintos.

O fato é que nesses seres prevalece o poder mental, característica e herança maior do Senhor Javé que foi repassada aos seus ministros e assessores. Tudo isso porque o Senhor Javé, para sobreviver à sua própria sorte, teve de se valer disso com toda força de que era capaz. Contudo, por mais que eu me refira a esse aspecto, penso que pouco estarei ofertando no campo da reflexão sobre o que “realmente aconteceu com a divindade decaída”.











permitirem o progresso espiritual das suas componentes divinas, já que este se dá pelo uso do livre-arbítrio, que permite a marcação meritória ou não, de acordo com as opções da individualidade.

Os “clones” do governador deste universo não têm a opção de “não realizar” as suas ordens. Eles simplesmente são obrigados a realizá-las, **independente do grau de desconforto que isso possa produzir nos seus psiquismos**. Sim, eles têm “um **aspecto psicológico**” que, em alguns deles, depois de bilhões de anos de “**constrangimento moral**”, começou a aflorar. Mas isso é tudo! Eles – os clones diretamente gerados pela vontade do Senhor Javé – não têm como desobedecer ao seu criador. O curioso é que nós – os seres evolutivos do universo – podemos “desobedecer” ao criador; eles simplesmente não podem.

#### CONSTATAÇÃO:

Para os seres situados além deste universo, a condição existencial do Senhor Javé e dos seres que o assistem mais de perto é de puro “vexame espiritual”. Além do que, observam a sua criação como uma espécie de prisão holográfica advinda do poder mental da divindade decaída.

Desculpem-me a crueza, mas os clones criados por Javé jamais falaram ou trocaram ideias com o próprio, a não ser nos tempos mais recentes deste universo; e ainda assim, de forma muito tímida e estéril. Tudo o que eles podem lhe endereçar, ou melhor, tudo o que eles foram programados para fazer, além de obedecê-lo cegamente, é comunicar-se com o seu pai através da **veneração** e do que na Terra chamamos de “**oração**”. Veja só!

As implicações disso são complicadas e seríssimas, tanto para eles, os assessores diretos do Senhor Javé, quanto para nós, os seres com acesso à possibilidade de evolução deste universo.

Existem diversas citações em que o “**deus bíblico**” criador do céu e da Terra aparece rodeado pelas diversas **hostes angelicais** que o assessoram, cujos **membros**









Coube ao monge Dionísio, o Aeropagita<sup>1</sup>, a arquitetura do chamado “paraíso cristão”, já que nele se encontrava descrita a relação que os anjos tinham com o Senhor Javé, aspecto este que terminava por determinar as suas funções na hierarquia do reino dos céus. Dionísio confirmou e autenticou essa cifra, que passou a simbolizar a organização global do mundo celeste, explicando a razão de ser de cada uma das nove ordens. Dividiu, por fim, a **corte celeste em nove coros e os repartiu entre três hierarquias superpostas**, situando o primeiro coro na **vizinhança imediata** de Deus, e o último, na dos homens, aspecto este que muito interessa ao que está sendo tratado no presente livro.

Assim, conforme o depreendido por Dionísio com base em seus estudos sobre os registros do passado, as três hierarquias com suas nove ordens encontravam-se ligadas aos aspectos de “pureza”, “iluminação” e “perfeição” que emanam de “Deus”, comunicando-se assim desde a ordem superior dessa assessoria divina até a última das ordens inferiores, e destas aos homens.

Informa-nos Dionísio que os anjos mais altos são os “serafins” e os “querubins” que, por se encontrarem mais próximos de Deus, **existiriam apenas para venerá-lo constantemente**. A questão por mim já refletida no livro “O Drama Cósmico de Javé” quanto à intrigante necessidade de alguém minimamente equilibrado sob a perspectiva da evolução espiritual precisar da existência de seres que o venerassem perpetuamente, aqui permanece como um convite à reflexão.

Junto com os “serafins” e “querubins”, no “patamar mais elevado céu”, estaria a ordem dos “tronos”, sendo estes os responsáveis pelo cumprimento do senso da justiça nos moldes aplicados pelo tirocínio do Senhor Javé.

A **primeira hierarquia** então compreenderia: os “serafins”, espíritos de fogo e de amor, os “querubins”, plenos de ciência divina, e os “tronos”, também eles estabelecidos no patamar mais elevado do céu.

A **segunda** é composta das “dominações”, cujos membros estão constantemente a serviço de Deus gerenciando o paraíso e, portanto, “dominam” os demais seres





ternação, a **realidade “diária” daqueles seres é bem mais absurda ainda** do que isto que está sendo exposto aqui. O incrível de tudo é que eles amam sobremaneira àquele a quem consideram pai e criador, seja pela própria determinação genética que marca o limitado tirocínio que lhes é próprio, ou mesmo pela força amorosa da condição divina das suas almas em missão transitória no vexame existencial ao qual se obrigam.

Completamente dependentes da mente e da vontade do Senhor Javé, o estranho é que, na atualidade cósmica – mais especificamente de alguns bilhões de anos para cá – eles conseguem “conversar” entre si e até mesmo “discordarem uns dos outros”.

Os poucos que se libertaram dessa “condição limitante” seguiram dois caminhos distintos:

1. Alguns foram aqueles que se tornaram antagônicos à ditadura extrema que o Senhor Javé, sem que o pretendesse, terminou criando como sendo o único modo que encontrou de sobreviver ao caos por ele mesmo gerado – e, convenhamos, toda ditadura é simplesmente desprezível para qualquer psiquismo minimamente esclarecido.
2. Outros fazem parte de uma **conspiração amorosa** que envolve o Senhor Javé com o objetivo de encontrar e de produzir os caminhos que o poderão ajudar a se elevar, recompondo-se à sua condição original de divindade, como também aos demais espíritos na atualidade vinculados à sua derrocada e que sofrem a desdita de existirem sob a égide do mais louco e penoso sistema ditatorial já produzido.

Para o modo de pensar dos humanos da Terra, sei que é bastante difícil imaginar que uma divindade ricamente dotada de muitas potencialidades mentais – por força de uma dada situação – se veja limitada apenas a dispor “do seu modo de pensar que lhe é característico”, perdendo os demais atributos que povoavam a sua mente como a capacidade de amar indistintamente, a compaixão, a tolerância, o altruísmo, a ética para consigo mesmo, entre outros aspectos do que na Terra costumamos





dos fatos, os germes dos seus problemas existenciais foram transferidos aos seres pensantes evolutivos por meio da herança do seu DNA, sendo neste último aspecto que reside a única possibilidade de redenção do Senhor Javé.

Se for possível ao analista dos fatos a compreensão quanto ao que se encontra afirmado na constatação acima, tudo mais se tornará claro, já que a questão central do problema do Senhor Javé é a sua incapacidade de providenciar por si mesmo a sua redenção. Aos seus **clones** (que compõem a sua aristocracia) não é possível tal pretenderem, por seus espíritos ocuparem corpos com um DNA quase que totalmente deformado e doente como o do criador. Aos **seres evolutivos**, que no caso da espécie humana terráquea são os espíritos que administram os corpos animais característicos denominados de *homo sapiens*, estão submetidos a uma tendência de DNA que somente encontra-se ativada em cerca de 3% do seu potencial natural. Isso permite uma ampla margem de “**liberdade existencial**”, permitindo assim o **progresso espiritual** dos membros da espécie, o que poderá ajudar ao Senhor Javé – e aos seus anjos – a providenciar o seu próprio progresso.

O **escândalo espiritual** que surgiu em torno da criação deste universo até hoje afeta drasticamente a sorte (caminhos da existência passíveis de serem administrados pelo livre-arbítrio pessoal) e o destino (inexorabilidade por força dos fatos) de todas as individualidades espirituais que foram “**obrigadas a existir**” devido à máquina de gerar vida, sem propósito existencial ou espiritual, criada pela divindade decaída.

O cientista político Cass Sunstein<sup>4</sup>, em seu livro intitulado “Going to Extremes: How Like Minds Unite and Divide” (Ir aos Extremos: Como Mentes Semelhantes Unem e Dividem), apresenta uma tese da qual me sirvo, adequando-a ao contexto do Senhor Javé e de seus prepostos, apenas para apoiar o entendimento da lógica terrena em relação ao que sequer pode ser razoavelmente compreendido por esta ótica sobre a realidade da natureza desse ser.





Utilizo-me, agora, de crônica de João Pereira Coutinho<sup>5</sup>, publicada no Jornal Folha de São Paulo, em 07/07/09, onde não só ele comenta o livro de Sunstein como acrescenta reflexões preciosas sobre a questão.

*A história do extremismo, para Sunstein, é também a história de como certos grupos foram se afastando progressivamente do pluralismo real das sociedades humanas. O Tratado de Versalhes, a falência de Weimar ou a Grande Depressão podem explicar Hitler e a ascensão do partido nazista. Não explicam tudo: é preciso entender os nazistas como um grupo homogêneo, impermeável à crítica externa. Uma realidade fechada onde os diferentes membros se reforçam mutuamente numa espécie de endogamia intelectual e ideológica. Nós, os puros, contra os inimigos impuros: eis a mentalidade típica do extremista. De ontem e de hoje.*

*Não se iludam. Um esquerdista faz sempre falta numa reunião de reacionários.*

*Um direitista faz sempre falta numa passeata de Porto Alegre. Porque as sociedades livres, no essencial, não se distinguem dos casamentos felizes. E não há casamento que resista quando trocamos vozes distintas por monólogos entediados.*

Como já dito, é penoso perceber que algumas religiões da Terra se transformaram em palco onde são encenadas peças de horrores desse tipo.

O Senhor Javé, com o seu **suicídio não pretendido**, perdeu a condição de conviver com vozes distintas do seu pensamento doentio; e a “realidade fechada” na qual ele sobrevive e obriga todos os seus clones e descendentes – leia-se: demais civilizações deste universo – a nela também viverem, nada mais é do que uma triste **prisão**, apesar de majestosa pelos contornos da genialidade criativa da divindade que decaiu.

A relação do Senhor Javé com seus “filhos diletos”, clones puros do seu DNA, quando convenientemente percebida, choca o observador pela total ausência de “graça existencial”, pois o que na realidade se vê é um **ser aparentemente enlouquecido e perdido cercado por um número constrangedor de robôs**, os quais,





Sob a perspectiva espiritual do Mais Alto vigente até então, isso simplesmente era impensável para os padrões divinos. Além do que, os corpos criados tinham como base mais primitiva exatamente a forma transitória estruturada – ainda que aos olhos dos terráqueos seja falsamente “imortal” por ser programada para viver milhões ou bilhões de anos, conforme o caso – a partir de um DNA reconstituído em padrões grosseiros, além de potencialmente doente.

Sob a égide dessa perspectiva, qualquer coisa que o ser reconstituído viesse a dar de si mesmo estaria, além de adoentada, também envolvida por uma “atitude de repasse mental completamente desafortunada”.

Devido a essas questões é que os casos iniciais de tentativa de imantação de espíritos aos primeiros três clones da *geração primeva* do Senhor Javé não foi possível e eles **permaneceram igualmente desalmados**, sendo em tudo “quase iguais” (99,999999%) ao ser criador que lhes gerou.

O Senhor Javé somente viria a perceber o problema alguns milhões de anos depois que os mesmos haviam sido criados. E isso se deu por eles terem se voltado contra seu próprio criador, pois, quanto maior a relação de semelhança genética com Javé, pior é a coexistência, sendo mesmo impossível ao Senhor Javé conviver com alguém que lhe é tão semelhante e quase tão poderoso quanto ele próprio, pelo simples fato de que esse outro alguém também vem a ser vitimado pela **tendência doentia** de “**querer se impor**” aos que o rodeiam a qualquer custo, tanto quanto deseja o próprio Senhor Javé.

A realidade nua e crua, posta em palavras pouco elegantes, aponta que **nem o Senhor Javé consegue suportar a si mesmo e os que com ele convivem somente o suportam** porque a isso são obrigados pela programação genética dos seus corpos. Isso implica que a tal programação advinda da mente do Senhor Javé tem de **produzir seres menos poderosos que o criador**, único modo de o “**temerem**” e de se submeterem “**eternamente**” ao seu **jugo impositivo**. Por mais desagradável,















quem percebeu **um dos principais aspectos da doença do criador presente em todas as suas criaturas.**

Nietzsche costuma dar ênfase ao fato de que o **desejo pelo poder** parece **compor a base psíquica** do que chamamos de **natureza humana**. E o pior: enfatiza também o ressentimento que inevitavelmente surge quando o “acesso ao poder” nos é negado.

Vai mais longe ao apontar a corrupção da natureza humana promovida pela prática equivocada das religiões que havia **aprisionado o ser terráqueo em suas próprias crenças, colocadas acima da realidade na qual ele encontra-se inserido**. Segundo Nietzsche, não deveríamos nos voltar para o além nem para o eterno (digo eu: do modo como equivocadamente fazemos), pois essa mistificação tem por força reduzir o homem ao lugar de servo, fazendo com que ele destrua em si mesmo as mais profundas possibilidades de progresso pessoal.

De fato, se refletirmos bem sobre o que Nietzsche nos mostra, torna-se possível perceber que o ser humano, por força dos hábitos religiosos, tem transferido para “deuses, santos e outros entes, verdadeiros ou fictícios”, responsabilidades que lhe são próprias, e este é um dos aspectos que mais costumo repetir nas modestas reflexões que insisto em reproduzir.

Na verdade, o que Nietzsche chama de **inclinação para o poder** – e que na minha pequenez penso que é um dos principais aspectos doentios presentes no DNA herdado do Senhor Javé – é a **força motivadora básica de todos os seres vivos** presentes na natureza terrestre. Atente bem para esse fato!

Como afirmado a princípio, Nietzsche também introduziu o conceito do **sobre-humano, o super-homem**, aquele que conseguiu exercer o domínio sobre as próprias paixões, edificando no psiquismo que lhe é próprio um **caráter do seu estilo pessoal de ser**, e não produzido por forças equivocadas deste ou daquele poder religioso. Segundo Nietzsche, todos nós somos “super-homens” potenciais.

























**que tudo mais por ele criado é mera parte de “si mesmo”.** O triste e deplorável de toda essa história é que ele – em tese – **somente pode evoluir “conversando com as demais partes de si mesmo”**, já que com nada mais e com mais ninguém o seu estranho modo de ser pode ou consegue conviver.

Nessa perspectiva, atente bem o (a) leitor (a) para o que agora vai ser afirmado.

#### CONSTATAÇÃO:

Somos todos “espécies de terminais nervosos” dos quais o Senhor Javé se utiliza para vivenciar, como meio de providenciar, a sua própria evolução. Em outras palavras, cada ser deste universo, de qualquer natureza planetária, pensante ou “somente instintivo”, representa uma extensão de um circuito ou sistema nervoso vinculado à mente do Senhor Javé, para que assim ele possa vivenciar os ritmos dos problemas, dos gozos e dos desafios que ele mesmo gerou.

A notícia não é boa nem ruim, apenas diferente de tudo o que até hoje foi dito e explicado a esta humanidade.

“Boa” ela não é porque revela um aspecto desagradável de “vampirismo” psíquico, se por isso entendermos que o Senhor Javé sente tudo o que qualquer ser terráqueo (pensante ou não) sente. A questão é que, na verdade, nós é que somos levados – por uma questão de tendência e inclinação presente no DNA das células do corpo que nossos espíritos utilizam para viver na Terra – a sentir tudo, no detalhe, o que Senhor Javé já sentiu e sente ao longo do tempo em que ele existe do jeito que ele é.

“Ruim” ela também não é porque os nossos espíritos, diferentes do Senhor Javé e de alguns dos seus clones, não precisam se deixar levar pelas tendências natas dos corpos animais da espécie *homo sapiens*. Afinal, compreendamos ou não, temos “muito” ou “pouco” livre-arbítrio, dependendo da herança cármica espiritual que somos obrigados a administrar em nós mesmos.











O Universo é o grande ventre materno no qual lanço as sementes de todas as coisas e delas, ó filho da Terra, procedem todos os seres vivos de qualquer espécie. Pois toda vez que nasce um ser, seja em que forma for, sou Eu, o Espírito do Pai, que lhe dá vida, deitando as sementes das quais as formas nascem.

Sattva, iluminação, Rajas, atividade, e Tamas, passividade, são os três poderes que nascem da Natureza e prendem o espírito infinito a este mundo finito. Desses três, Sattva, por ser puro e luminoso, possui o dom de dar alegria e beatitude à alma livre de pecado e fascinada pela verdade. Rajas, porém, a paixão que cria cobiça, empolga a alma pelo apego às obras. Tamas nasce da ignorância e é causa da auto-ilusão em todas as coisas, um nada que domina o mundo inteiro e liga a alma pela inércia da passividade.

Destarte, Sattva produz felicidade; Rajas gera atividade e desejo de conhecer; Tamas resiste à luz da sapiência pelas trevas da insipiência – ignorância. Às vezes, Sattva prevalece sobre Rajas e Tamas; e às vezes Tamas sobrepuja os dois, Sattva e Rajas.

Quando perecem a luz do conhecimento e a força da cobiça, resta Tamas. Quando Tamas e Sattva se apagam, continua a arder Rajas. Mas quando a luz divina penetra todas as faculdades do teu ser, ó Arjuna, então sabe que Sattva atingiu em ti maturidade.

Quando desejos, cobiça, ganância, ambição e dinamismo externo perturbam o sossego da tua alma, então sabe que Rajas te governa. Quando a estupidez, inércia e arrogante ignorância, erro, incerteza e superstição se apoderarem de ti, então Tamas te avassalou.

Quando a alma governada por Sattva deixa este mundo, ingressa na mansão divina da luz, onde habitam aqueles que amaram o bem e o atingiram. Mas quando o corpo morre enquanto Rajas exerce o seu poder, vai o seu humano ao reino ígneo dos desejos, lá onde vivem os seres ainda vinculados à terra. E quando o ser humano morre ainda envolto nas trevas de Tamas, cego para a luz, é ele privado da natureza humana e desce à zona dos seres inferiores.

O que procede de Sattva é luz e pureza; de Rajas nascem torturas; e Tamas gera ignorância. Sabedoria é filha de Sattva; cobiça é produto de Rajas; ilusão e ignorância vêm de Tamas.

Os que vivem à luz de Sattva pairam nas alturas da consciência do Eu divino; os que vivem dominados por Rajas guiam-se pela consciência do ego; e os que vivem em Tamas só conhecem a vida corporal.

Quando o ser humano de visão espiritual compreende como nele se revelam essas forças da Natureza e sabe o que existe para além delas, então entre ele na minha liberdade, deixa de ser autor das obras que realiza no plano da Natureza; liberto

























































































































































































































































































































































































































































































Participe das nossas Redes



[facebook.com/projetoorbum](https://facebook.com/projetoorbum)



[youtube.com/orbum](https://youtube.com/orbum)



[twitter.com/orbum](https://twitter.com/orbum)



[orbum.org](https://orbum.org)



Será que realmente existe um ser criador deste universo? Se não, por que a penosa história das gerações dos nossos antepassados que se viram obrigados a lidar com um ser que, sem jamais ter se feito objetivamente presente aos olhos desta humanidade, ainda assim, como se prisioneiro de outra dimensão existencial, esforçou-se por se apresentar como Brahma, depois Javé e mais tarde Allá, e que continua insistindo em se autoafirmar como o criador deste universo?

Será que este ser existe mesmo ou tudo o que aconteceu com os arianos/hindus, posteriormente com os hebreus/judeus e, mais recentemente, com os povos árabes é pura invenção ou loucura de uns poucos, dentre os quais figuras como as de Moisés e de Maomé?

Qual o sentido que se pode encontrar no fato de seres humanos distintos, que viveram em épocas diferentes, mas sempre envolvidos por eventos estranhos, continuamente viessem a “inventar” um mesmo enredo em torno de um personagem inexistente?

Esta entidade vem tentando desesperadamente, ao longo dos séculos e milênios, fazer-se percebida e acreditada pelos terráqueos como sendo o Pai Criador de todos os seres que existem na sua obra universal. E parte do seu grande problema é que o seu intento jamais logrou o resultado pretendido.

Encontra-se em curso a sua última tentativa junto aos terráqueos – a sua situação pessoal não lhe permitirá outra – de se fazer notar como ser criador de tudo o que se conhece a partir da ótica terrena.

O “Drama Espiritual de Javé” é mais um dos enigmáticos painéis que cercam esta personagem na sua história impensável e desconhecida que agora se revela para os que vivem na Terra.

É leitura para “gente adulta”.

CONECTAR EDITORA

